



A “MODERNIDADE APROPRIADA” EM LÚCIO COSTA E SEVERIANO PORTO: Um paralelo entre o Park Hotel (1944) e a Pousada na Ilha de Silves (1979)

LA “MODERNIDAD APROPRIADA” EN LÚCIO COSTA Y SEVERIANO PORTO: Un paralelo entre el Park Hotel (1944) e la Pousada na Ilha de Silves(1979)

THE “APPROPRIATE MODERNITY” IN LUCIO COSTA AND SEVERIANO PORTO: A parallel between the Park Hotel (1944) and the Pousada na Ilha de Silves (1979)

Lilian Vidal Freitas (1); Vitor Vasconcelos Viana (2) Ricardo Alexandre Paiva (3)

1. Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, UFC.
lilianvidalf@hotmail.com

2. Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Ceará, UFC.
vitorviana@arquitetura.ufc.br

3. Doutor em Arquitetura e Urbanismo FAUUSP (2011), Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design - UFC
Avenida da Universidade, 2890, Benfica, Fortaleza - Ceará
paiva_ricardo@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-0332-097X>



RESUMO

A modernidade apropriada, segundo definição de Cristian Fernández Cox (1935-2014), consiste em ajustar a modernidade à situação peculiar latino-americana face ao lugar, aos usos dos materiais, suas técnicas e disponibilidade de mão-de-obra. No contexto brasileiro, Lúcio Costa (1902-1998) se valeu dessa premissa, quando na gênese da arquitetura moderna buscou sintetizar tradição e modernidade. Posteriormente, outros arquitetos brasileiros seguiram o mesmo caminho, destacando-se Severiano Porto (1928), que aproveitou ao máximo as possibilidades oferecidas pelo lugar e tectônica durante sua atuação na Amazônia. Assim, o objetivo do artigo consiste em relacionar o conceito de “modernidade apropriada”, com a produção da arquitetura moderna brasileira, estabelecendo um paralelo entre o Park Hotel (1944), em Nova Friburgo, de Lúcio Costa e a Pousada na Ilha de Silves (1979), na Amazônia, de Severiano Porto. Para tanto, será discutida a “modernidade apropriada”, posteriormente uma análise crítica das obras mencionadas compreendendo sua importância no contexto da arquitetura moderna brasileira, para, finalmente, traçar um paralelo entre os edifícios sob o olhar desse conceito. A relevância do artigo se sustenta na importância do legado dos arquitetos e das obras como exemplos representativos da síntese entre o universal e o regional na arquitetura, condição para a sua valorização, documentação e preservação.

Palavras-chave: “modernidade apropriada”; Lucio Costa; Severiano Porto; Park Hotel; Pousada na Ilha de Silves;

RESUMEN

La modernidad apropiada, según la definición de Cristian Fernández Cox (1935-2014), consiste en ajustar la modernidad a la situación peculiar latinoamericana frente al lugar, a los usos de los materiales, sus técnicas y disponibilidad de mano de obra. En el contexto brasileño, Lúcio Costa (1902-1998) se valió de esa premisa, cuando en la génesis de la arquitectura moderna buscó sintetizar tradición y modernidad. Posteriormente, otros arquitectos brasileños siguieron el mismo camino, destacándose Severiano Porto (1928), que aprovechó al máximo las posibilidades ofrecidas por el lugar y tectónica durante su actuación en la Amazonia. Así, el objetivo del artículo consiste en relacionar el concepto de "modernidad apropiada", con la producción de la arquitectura moderna brasileña, estableciendo un paralelo entre el Park Hotel (1944), en Nova Friburgo, de Lúcio Costa y la Pousada na Ilha de Silves (1979), en la Amazonia, de Severiano Porto. Para ello, se discutirá la "modernidad apropiada", posteriormente un análisis crítico de las obras mencionadas comprendiendo su importancia en el contexto de la arquitectura moderna brasileña, para, finalmente, trazar un paralelo entre los edificios bajo la mirada de ese concepto. La relevancia del artículo se sustenta en la importancia del legado de los arquitectos y de las obras como ejemplos representativos de la síntesis entre lo universal y lo regional en la arquitectura, condición para su valorización, documentación y preservación.

Palabras clave: “modernidad apropiada”; Lucio Costa; Severiano Porto; Park Hotel; Pousada na Ilha de Silves;

ABSTRACT

“Appropriate modernity”, as defined by Cristian Fernández Cox (1935-2014), consists in adjusting modernity to the peculiar Latin American situation in relation to the place, the uses of materials, their techniques and availability of labor. In the Brazilian context, Lúcio Costa (1902-1998) took advantage of this premise, when in the genesis of modern architecture he sought to synthesize tradition and modernity. Subsequently, other Brazilian architects followed the same way, highlighting Severiano Porto (1928), who took full advantage of the possibilities offered by the place and tectonics during his performance in the Amazon. Thus, the purpose of the paper is to relate the concept of "appropriate modernity" with the production of modern Brazilian architecture, establishing a parallel between the Park Hotel (1944) in Nova Friburgo, designed by Lúcio Costa and the Pousada na Ilha de Silves (1979), in the Amazon, designed by Severiano Porto. In order to do so, we will discuss "appropriate modernity", later a critical analysis of the mentioned works, understanding their importance in the



context of modern Brazilian architecture, and finally draw a parallel between the buildings under the view of this concept. The relevance of the article is based on the importance of the legacy of architects and works as representative examples of the synthesis between the universal and the regional architecture, a condition for its valorization, documentation and preservation.

Keywords: “appropriate modernity”; Lucio Costa; Severiano Porto; Park Hotel; Pousada na Ilha de Silves.



Introdução

Os debates sobre o regionalismo na arquitetura ganharam destaque após o cunho da expressão “regionalismo crítico”, estabelecida no fim da década de 70 pelo casal de arquitetos Alexandre Tzonis e Liane Lefaivre, sendo posteriormente reforçada por Kenneth Frampton, em seu artigo intitulado “Por um regionalismo crítico: seis pontos para uma arquitetura de resistência”. Neste ensaio, Frampton define como parte do conceito manifestações arquitetônicas que não se rendem aos cânones universais da arquitetura, conseguindo assim manter características da cultura e realidade em que as mesmas se inserem, “[...] sem cair no sentimentalismo, mas usando recursos vernaculares como soluções adequadas” (MASCARO, 2004, p. 3).

O conceito teve seus desdobramentos na América Latina a partir da década de 80, mas a necessidade de uma interpretação mais adequada ao contexto latino gerou um novo termo, designado “modernidade apropriada”, cunhado pelo arquiteto chileno Cristián Fernández Cox (1935-2014), sendo o responsável pela disseminação do mesmo. Suas contribuições no âmbito dos encontros de Seminário de Arquitetura Latino-Americana (SAL) trouxeram à tona importantes debates para a maturação do assunto. Cox demonstrava uma certa inquietude em relação ao termo “regionalismo crítico”, pois acreditava que o mesmo não se encaixa completamente com os diferentes contextos e objetivos da produção latinoamericana.

No cenário brasileiro, bem antes que este debate crítico sobre o Movimento Moderno se anunciasse, Lúcio Costa (1902-1998) antecipou as discussões sobre a relação entre o universal e o regional, entre a modernidade e a tradição no desenvolvimento da identidade da arquitetura moderna brasileira, argumentos presentes no seu clássico texto “Razões da Nova Arquitetura”. No Park Hotel, em Nova Friburgo (1944) -uma de suas obras mais emblemáticas no período anterior à Brasília, o arquiteto procurou agregar os princípios do modernismo à cultura arquitetônica e construtiva dos materiais locais, com referências conscientes do repertório da arquitetura colonial, gerando assim, uma síntese entre o regional e o moderno.

Em consequência do pioneirismo de Costa, outros arquitetos de formação moderna se apropriaram destas premissas. Severiano Porto (1928) iniciou sua trajetória no território amazônico no início da década de 60, e desde o início, procurou adequar os conceitos modernos face ao lugar e à tectônica. Na Pousada na Ilha de Silves (1979), o arquiteto buscou adaptar as soluções arquitetônicas aos materiais e mão-de-obra disponíveis na Amazônia, atitude presente no conjunto da sua obra, que o qualificou como um exemplo emblemático no debate latino-americano sobre o regionalismo.

Nesse contexto, o objetivo do artigo é ressaltar a “modernidade apropriada” presente na produção arquitetônica brasileira, traçando um paralelo entre o Park Hotel de Nova Friburgo (1944), de Lúcio Costa (1902-1998), e a Pousada na Ilha de Silves (1979), de Severiano Porto (1928). Para tanto, será realizada a análise crítica das obras, levando



em consideração aspectos gerais como a contextualização e implantação do objeto; espaço arquitetônico e interações formais; linguagem arquitetônica e sistema estrutural e construtivo, para assim, em meio a análise, identificar os pontos que caracterizem os projetos enquanto obras sintetizadoras de um diálogo entre o regional e o moderno. A relevância do artigo se sustenta na importância do legado dos arquitetos e das obras como exemplos representativos da síntese entre o universal e o regional na arquitetura, condição para a sua valorização, documentação e preservação.

O debate sobre o regionalismo: da América Latina ao Brasil

Na América Latina durante os anos 80, a crítica em arquitetura é resgatada mais fortemente numa reflexão acerca da diversidade de “modernidades” alinhadas a esses condicionantes socioeconômicos e culturais, gerando a necessidade da “criação de teorias próprias, que permitissem entender o significado da produção local a partir de sua realidade imediata e não de valores externos” (BASTOS, ZEIN, 2010, p. 203) geralmente eurocentristas ou norte-americanos. Destaca-se nesse processo de discussão da identidade da arquitetura na América Latina os estudos da argentina Marina Waisman e dos chilenos Christian Fernández Cox e Enrique Browne.

Essa construção de pensamento plural se deu a partir dos debates, discussões e encontros organizadas por profissionais de diversos campos de atuação em eventos, como Taller América surgido em 1982 e o Seminário de Arquitetura Latino-americanas (SAL) criado em 1985. O primeiro surgiu com a finalidade de compreender

como a cultura ocidental se transforma quando se enraíza na América, produzindo uma nova síntese derivada das condições geográficas e climáticas e da colonização espanhola e portuguesa, aparentemente resultando em diferentes características em diferentes épocas e regiões (BROWNE, 1988 apud BASTOS, ZEIN, 2010, p.242).

Com relação ao segundo, os encontros do SAL reuniram críticos e arquitetos de diferentes países, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, México, Paraguai, Peru, entre outros, de forma a construir diálogos através de debates acerca das possíveis relações existentes entre as arquiteturas buscando uma base comum e, até mesmo, uma identidade sem uma definição de regras e/ou estruturas hierárquicas de forma a obter uma ampla apreensão comum. Como possíveis resultados, têm-se a tentativa de inserção da arquitetura no ambiente da cultura latino-americana, sem negar e absorver os conhecimentos científico-tecnológicos universais, somente após amplo debate crítico. Outro resultado, se configura na busca por uma arquitetura legitimamente expressão da modernidade e condicionada com nosso ambiente, fugindo do folclorismo do tempo de outrora e na fuga irracional ao passado, afastando-se de uma tentativa de definir, criterizar, rotular essa produção de forma a permitir múltiplos caminhos e interpretações (BASTOS; ZEIN, 2010).



Importante teórico nesse debate, o crítico inglês radicado nos Estados Unidos, Kenneth Frampton, prossegue os estudos do casal de arquitetos e críticos Liane Lefaivre e Alexander Tzonis acerca da arquitetura moderna na Grécia - do termo “regionalismo crítico” - e no paradoxo proposto por Paul Ricoeur, “como se tornar modernos e voltar às fontes; como reviver uma velha civilização dormente e tomar parte na civilização universal” (NESBITT apud BASTOS, ZEIN, , 2010, p.242 - 243). Com isso, o debate tem como resultado a definição de que o regionalismo crítico não seja propriamente “[...] um conceito, e sim como um programa de ação, ou como atitude.” (BASTOS, ZEIN, 2010, p. 243). Contudo, possui uma visão limitada aos países europeus e nórdicos em um primeiro momento, sendo apenas em 1990 ampliada para a América Latina com o *Latin America Architecture: Six Voices. Studies in Architecture and Culture*.

No contexto brasileiro, desde o início do século XX, a arquitetura brasileira tenta estabelecer um viés regionalista. Em uma tentativa de romper com o academicismo vigente - com a hegemonia do Ecletismo - buscou-se inicialmente a retomada de valores nacionais por meio do Neocolonial. O movimento, no entanto, foi considerado de certa forma contraditório, visto que se tratava de uma variante historicista do Ecletismo. O próprio Lúcio Costa, no início de sua carreira, foi um dos defensores do Neocolonial, o que de certa forma serviu de tomada de consciência para identificar suas falácias e incorporar a tradição no debate moderno *a posteriori*.

Dessa forma, nota-se que mesmo em temporalidades distintas, há uma comunicação, paralelismos, pontos de contato e interlocuções entre os países latino-americanos e o Brasil sobre o regionalismo, que contribuíram sobremaneira na construção do pensamento da arquitetura na América Latina. Trata-se de um posicionamento baseado na consideração da diversidade de manifestações e idiosincrasias, buscando desenvolver teorias e critérios próprios, fugindo do pensamento eurocêntrico resistindo às forças culturais do processo de globalização e dominação. Nesse contexto, destaca-se o termo “modernidade apropriada” de Cristián Fernández Cox.

É possível que esse termo seja adequado para uma taxonomia história vista desde o centro¹ [...], tal como faz Frampton de acordo com seus propósitos e sua perspectiva. No entanto, tenho sérias ressalvas à nossa adoção da mesma atitude, pois nossa óptica e nossos objetivos são muito diferentes. Não somos observadores distantes, e sim atores envolvidos, e como tais, necessitamos de um termo que seja intrínseco e diretamente expressivo da atitude que queremos construir. (FERNÁNDEZ COX, 1988, p. 63, tradução nossa.)

¹ Ao usar a palavra “centro”, Cox se refere de maneira geral aos países desenvolvidos do hemisfério norte - sobretudo os europeus.



A modernidade apropriada de Cristián Fernandez Cox

O contexto histórico de discussão sobre a “modernidade apropriada” de Cristian Fernandes Cox (1935-2014)² se dá após a um período conturbado do regime autoritário chileno com uma produção arquitetônica na qual “suas pretensões cenográficas são tão grandiloquentes quanto sua pequena importância no tempo.” (COX, 1990, p. 71, tradução nossa). Aliado a isso, a discussão arquitetônica que desprezava as características endocêntrico de sua própria realidade para se ater a assuntos externos, contribuindo para o processo de periferização do pensamento.

Neste contexto, verifica-se ainda no processo civilizatório na América Latina, no sentido de impor métodos, tipologias, técnicas e processos dos colonizadores, contribuindo na destruição das culturas tradicionais e homogeneizando a produção da arquitetura. Cox exemplifica essa realidade através da fervorosa cópia dos preceitos modernistas do franco-suíço Le Corbusier pelos pioneiros do modernismo chilenos dos anos 1930, numa tentativa de copiar o desenvolvimento das soluções tecnológicas da engenharia francesa inexistentes nos seu país através de procedimentos artesanais, situação distinta do que ocorre no Brasil. Exemplificando o problema latino americano de

nossa própria e auto-induzida dependência cultural, que nos impulsiona a copiar acriticamente as soluções externas, venha ou não venha ao caso, sem desenvolver nossas próprias soluções peculiares para nossos também problemas peculiares; ou sem se apropriar (tornar próprio, apropriado, adequado) aquelas soluções exógenas que são adaptáveis às nossas condições (COX, 1990 p.72, tradução nossa)

Dessa forma, têm-se que

O conceito de “apropriada” parece ser um instrumento útil, já que não pretende negar a modernidade, mas apenas ajustá-la à nossa situação peculiar. Apropriada, aqui, deve ser entendida sob um triplo significado: 1. como “próprio” de uma realidade, útil e ajustado à uma condição, ocasião ou lugar particular; 2. Como “conveniente”, algo que merece ser tomado, assumido e legitimamente aclamado como seu por direito – depois de ser criticamente digerido; 3. Como “peculiar”, respondendo a uma situação específica, pertencendo distinta ou primariamente a nós, de uma maneira especial ou única – não pela busca de “originalidade”, mas para evitar soluções prontas que não podem ser apropriadamente usadas dentro de um contexto específico diferente. (COX apud ZEIN & BASTOS, 2010, p. 245).

² Cristian Fernandes Cox foi um arquiteto e crítico chileno nascido em 1935, diplomado em 1963 pela Universidade Católica do Chile ganhador Prêmio Nacional de Arquitetura em 1997 e o Prêmio América pelo SAL em 2011 e autor do livro *Arquitetura e Modernidade Apropriada*. Morre em 2014.



Com isso, o termo proposto por Cox baseia-se na multiplicidade de realidades e identidades latino-americanas de forma a buscar uma alternativa entre a simples reprodução da arquitetura vernacular ou uma modernidade importada. A produção de uma arquitetura condizente com os hábitos, programas, condições climáticas, técnicas e materiais construtivos locais e pertinentes e a paisagem, uma arquitetura mimética e plural. “Trata-se - em síntese - de uma questão de auto respeito. (Da raiz latina "respectus": olhando, considerando amorosamente, observando atentamente). Uma modernidade nascida do "*respectus*" da nossa realidade ... com olhos, categorias e corações apropriados” (COX, 1990, p.93, tradução nossa)

Park Hotel em Nova Friburgo

Localizado na cidade de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, o Park Hotel foi projetado por Lucio Costa³ (1902-1998) e construído em 1944 com caráter provisório e previsão de uso de dez anos, funcionando como um equipamento imobiliário para hospedar possíveis compradores de terrenos do loteamento em que o mesmo estava inserido. O loteamento - Parque São Clemente- fora idealizado pela família Guinle, que por sua vez, desempenhou um importante papel no cenário imobiliário carioca, sendo também proprietária da companhia Docas de Santos, situada no litoral paulista.

À época, a legislação da cidade exigia uma tipologia específica para hotéis situados na área serrana, que era o chamado “hotel da montanha”. Os projetos elaborados na região deveriam seguir um caráter campestre, com materiais que não diferissem absolutamente do entorno. Lucio Costa não se incomodou com a necessidade de adaptação do projeto moderno aos materiais locais. Implantado em uma nesga de terreno de aproximadamente 3.600m², o edifício possui dimensões singelas, comportando apenas 10 quartos. Seus espaços de estar foram concebidos de forma a preservar a permeabilidade visual para a densa vegetação de seu entorno, o que, juntamente com a característica materialidade do projeto, conferiu ao hotel a sensação de “posto de observação da mata” (RABELO, 2006).

A composição do hotel consiste em um volume principal de seção transversal trapezoidal, e agregando a uma série de volumes sacados e recuados que conferem um maior dinamismo à fachada (Figura 1). As varandas dos quartos estão dispostas de forma contínua, com uma clara influência corbusiana. No térreo, uma das paredes que veda a sala de estar está disposta em diagonal, criando uma espécie de “bolsão” que leva aos degraus de entrada da varanda.

³ Lucio Costa nasceu na França em 1902, e formou-se na Escola Nacional de Belas Artes em 1924. Era de certa forma, alheio às tendências arquitetônicas mundiais, classificando sua produção até o momento como Neocolonial. A migração para o modernismo só ocorreu após entrar em contato com a obra do arquiteto franco-suíço Le Corbusier (1887-1965).



Figura 1 - Volumes presentes na fachada do hotel
Fonte: WISNIK, 2001

A setorização do hotel é relativamente simples. No térreo, estão situadas as áreas de estar, como o restaurante, a varanda e a sala de estar de hóspedes, juntas à entrada principal. Ainda no mesmo pavimento, está o setor de serviço, num bloco à parte, em L, onde estão locados ambientes como a cozinha, lavanderia, entre outros. As suítes localizam-se no primeiro pavimento, de forma mais privativa e os dez quartos são ligados por meio de um corredor. A modulação da estrutura permite a criação de dois quartos maiores, localizados nos extremos do pavimento.

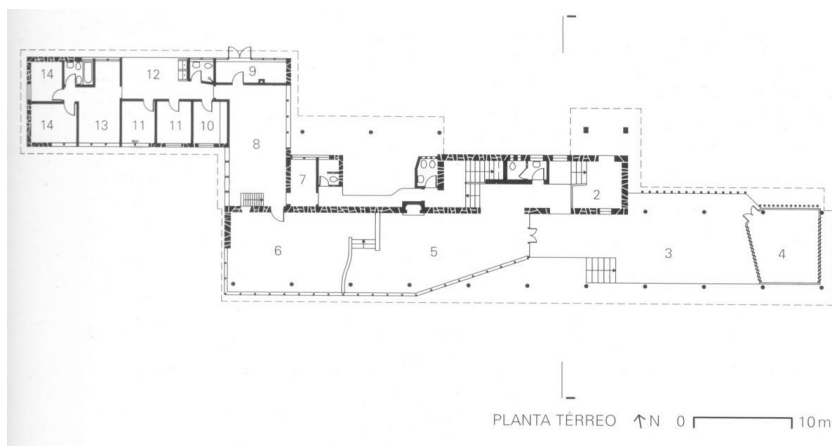


Figura 2 - Planta do Pavimento Térreo do Park Hotel
Fonte: WISNIK, 2001

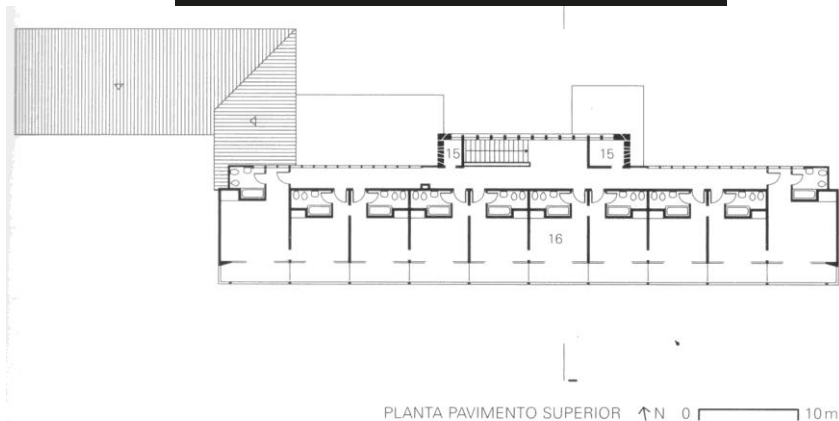


Figura 3 - Planta do Primeiro Pavimento do Park Hotel
Fonte: WISNIK, 2001

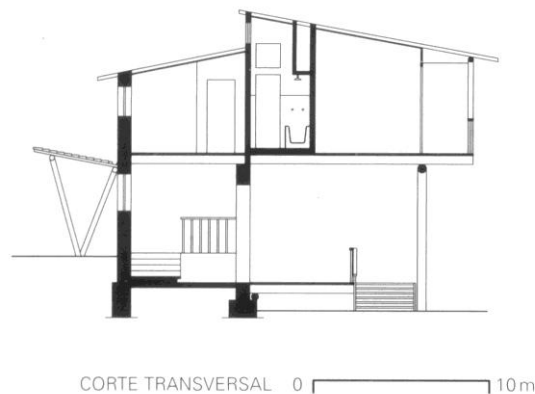


Figura 4 - Corte Transversal do Park Hotel
Fonte: WISNIK, 2001

A estrutura do hotel em si mescla um sistema estrutural moderno com materiais naturais, como se estivesse traduzindo pilares, vigas e lajes como o uso da madeira. As pedras, encontradas em abundância na região, cumprem o papel das fundações, sendo unidas seguindo o estilo *opus incertum* (obra incerta), onde não há o estabelecimento de fiadas, mas onde as pedras são encaixadas de acordo com seu tamanho e unidas por argamassa. Os pilares são feitos com toras de eucalipto - vindas de São Paulo, e além disso, peças metálicas auxiliam na amarração dos pilares às vigas, para dessa forma conter a dilatação da madeira.



Figura 5 - Detalhe da estrutura elaborada em madeira
Fonte: SEGAWA, 2010

O hotel não foi o primeiro projeto de Lúcio a agregar técnicas tradicionais às. Ainda em 1934, o arquiteto elaborou o projeto para a Vila Operária de Monlevade, onde predominavam alguns preceitos modernos -como os pilotis- mas também eram usados materiais regionais, como a vedação, constituída de pau-a-pique.

Em geral, é possível notar um sentimento nacionalista presente desde o início da trajetória de Lúcio Costa, que veio a consolidar-se de acordo com o desenvolvimento do repertório do arquiteto. É possível perceber os esforços de Lúcio em agregar as técnicas e ideias nacionais - advindas de sua primeira incursão no neocolonial e da experiência junto ao SPHAN - aos novos parâmetros mundiais da arquitetura moderna.

Lucio mobiliza características da arquitetura colonial brasileira para estabelecer uma narrativa de formação, através da qual buscava estabelecer uma linha evolutiva coerente e dotada de sentido que daria autoridade aos princípios modernos a partir da tradição. (BATISTA, 2016, p. 13)

A nova técnica reclama a revisão dos valores plásticos tradicionais. O que a caracteriza e, de certo modo, comanda a transformação radical de todos os antigos processos de construção, é a ossatura independente. (COSTA, 1936, p.33-34)

Especificamente no Park Hotel, podemos notar com clareza decisões que trazem à tona a intenção de um estabelecimento de uma obra moderna, mas com inspirações que remetem à época colonial. O jogo de volumes, as vedações em vidro e os pilotis presentes contrastam com o forte uso da madeira, os generosos beirais das varandas compostos por telhas coloniais e a aparente fusão entre obra e entorno.

Essa posição de uso dos materiais tradicionais aliado a técnicas modernas reinterpreta princípios do *sobrado* colonial, estabelecendo uma relação cultural muitas vezes inconsciente entre o hóspede do Hotel e a edificação. (CANTALICE II, 2014, p. 8)



Pousada na Ilha de Silves

Na década de 50, houve uma diminuição das disparidades regionais, em partes, por consequência das políticas de desenvolvimento criadas pelo Estado. Ao decorrer do Governo Militar, nasceram as agências regionais de desenvolvimento, como a SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia). Em um contexto em que havia um largo incentivo financeiro ao setor industrial, e também onde o mercado começava a se interessar pela implementação de empreendimentos turísticos, criou-se um vasto campo de atuação para arquitetos, que migraram de diversas partes do país para a região Norte, em busca de novas oportunidades e mais liberdade projetual.

Severiano Porto⁴ se insere nesse contexto, e a repercussão de sua obra no contexto amazônico trouxe a tona um importante debate sobre a relação entre a arquitetura moderna e regionalismo a partir da década de 1970 e 1980, com alcance não somente no país, mas na América Latina de modo geral.

Localizada na Ilha de Silves, à 350 Km de Manaus, a Pousada na Ilha de Silves foi projetada por Severiano Porto (1928) em 1967 e inaugurada no início da década de 1980. Localizada às margens do Lago Canaçari, a pousada foi implantada na porção sudoeste da ilha, em um ponto isolado da área urbana da cidade, que por sua vez, é composta majoritariamente por ocupações informais, com um traçado viário bastante orgânico. O maior intuito de sua concepção foi promover o fluxo de ecoturismo e estabelecer o contato dos visitantes com a natureza.

O complexo é formado por diversas edificações que se espraiam pelo terreno, conferindo assim ao projeto a alusão à uma aldeia, e mantendo um baixo gabarito. Na edificação principal, disposta em formato circular, localizam-se as áreas de recepção e estar de hóspedes, além de restaurantes e bares. No segundo andar situam-se as suítes, que por sua vez, possuem varandas privativas. Ainda no mesmo pavimento, estão os alojamentos de funcionários e o apartamento do gerente do complexo.

⁴ Nascido em Uberlândia em 1930, diplomou-se em 1954 no Rio de Janeiro, migrando para Manaus do início da década de 60, convidado a desenvolver o projeto da Companhia Amazonense de Telecomunicações, e participando posteriormente de uma rica gama de projetos no estado do Amazonas.

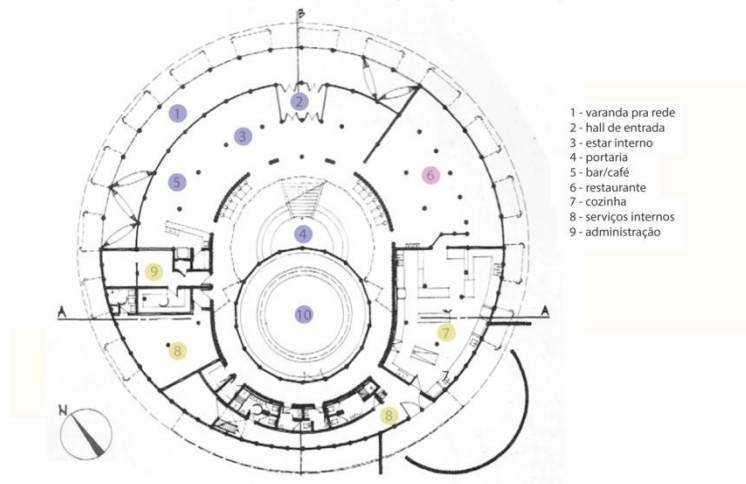


Figura 6 - Planta do Pavimento Térreo da Pousada
 Fonte: Cadernos Brasileiro de Arquitetura, 1987.

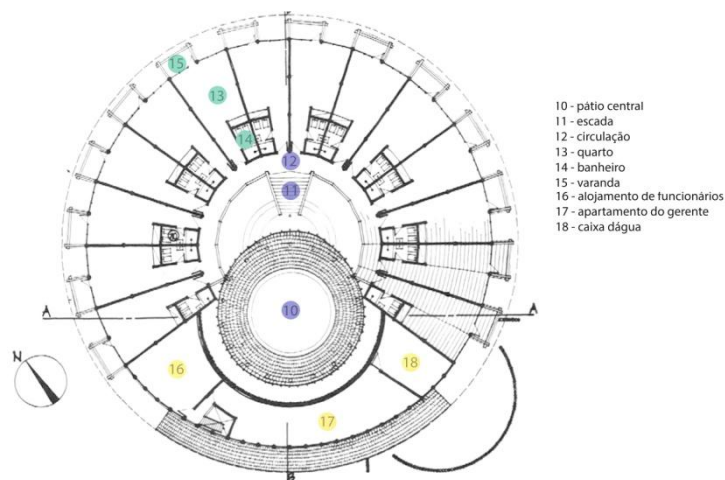


Figura 7 - Planta do Primeiro Pavimento da Pousada
 Fonte: Cadernos Brasileiro de Arquitetura, 1987.

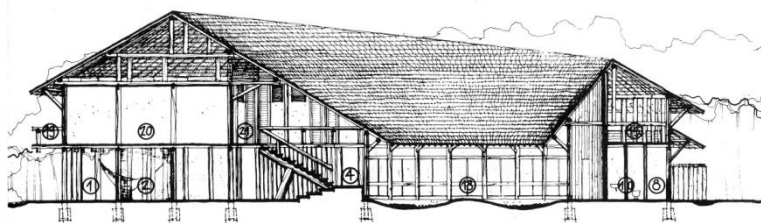


Figura 8 - Corte da Pousada
 Fonte: SEGAWA, 1983.

Nas edificações secundárias distribuídas pelo terreno, estão áreas de lazer e serviços, como bares, cabanas e banheiros. Há um mirante com aproximadamente 30 metros de altura, de onde os visitantes tem uma privilegiada vista para a exuberante vegetação do

local e também para o lago localizado nas proximidades da pousada. Complementando os espaços de lazer, existem no complexo uma área de piscinas e quadra de tênis.

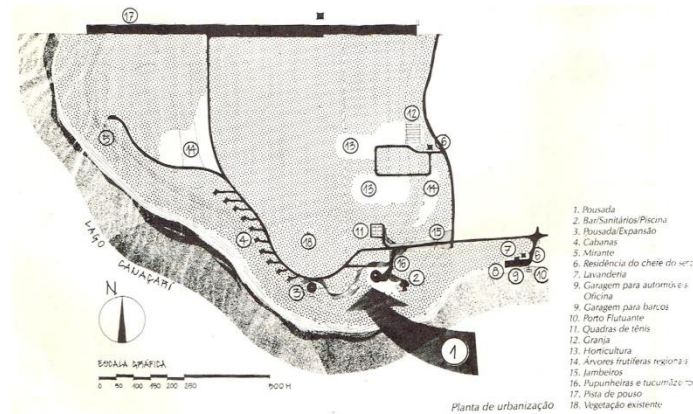


Figura 9 - Setorização do complexo
 Fonte: Cadernos Brasileiro de Arquitetura, 1987.

A madeira cumpre um importante papel na concepção da edificação, sendo o principal material presente na construção da pousada. Está presente no esqueleto estrutural, em um sistema pilar-viga - que, por sua vez, possui também ligações metálicas, além de compor a armação do telhado. As paredes de vedação são compostas por alvenaria simples.



Figura 10 - Forte presença da madeira na constituição da Pousada
 Fonte: Cleidiane Santos, 2015⁵.

A produção da obra estava diretamente ligada à peculiaridade de sua localização, estando também condicionada à mão-de-obra existente e à disponibilidade de materiais. Pela distância em relação aos grandes centros, o transporte de materiais era dispendioso e demorado, cabendo então ao arquiteto adaptar o projeto ao que estava disponível. Em consequência, os trabalhadores da região já possuíam experiência com a matéria prima local - sobretudo a madeira -, o que otimizou o processo projetual e justificou o forte caráter regional da Pousada.

⁵ Disponível em: <https://cleidianesantos.wordpress.com/2015/06/01/26/>. Acesso em jun. 2018.



Outro importante papel desempenhado pelo projeto foi a quebra de uma ideia generalista amazônica que enxergava a madeira enquanto um material pouco nobre para a construção. Essa ideia surgiu da decorrência da sua vasta adoção para a construção de residências de baixa renda. Severiano então “[...] precisou quebrar muitos tabus e resistências para que essa interpretação da cultura regional acontecesse.” (SABBAG, 2003).

A Pousada na Ilha de Silves pode ser classificada como uma das obras mais emblemáticas de Severiano, na qual o diálogo entre universalidade e regionalismo foi estabelecido por meio de um “[...]esforço em trabalhar características regionais através da apropriação e reelaboração de técnicas e materiais tradicionais” (ZEIN, 1986).

Um paralelo entre o Park Hotel (1944) e a Pousada na Ilha de Silves (1979)

É necessária uma reflexão acerca da construção das duas obras no âmbito do conceito do conceito de “modernidade apropriada”. Como ponto de partida é fundamental salientar que as suas atitudes projetuais são anteriores e não estão subordinadas ao advento do termo. Outro aspecto importante é que embora distantes no tempo e no espaço, elas são exemplares na caracterização do significado do termo.

Há diferentes razões para o viés regional das obras. No Park Hotel, embora alguns aspectos do caráter regional do edifício tenham surgido com base nas peculiaridades impostas pela legislação vigente, percebe-se a introdução de uma postura inovadora no sincretismo entre modernidade e tradição. Assim, o edifício materializa o manifesto escrito do seu autor em relação à valorização da história e da identidade na arquitetura moderna brasileira e o faz de forma pioneira e inovadora.

Na Pousada na Ilha de Silves, Severiano teve o privilégio de contar com os ensinamentos do mestre, o que não tira o seu mérito, uma vez que as características regionais do edifício surgiram a partir das condicionantes da localização geográfica específica da Amazônia, ratificando que o regionalismo não é uma expressão homogênea, mais adquire singularidades em função do lugar e da tectônica. A Pousada se alinha a ideia de “modernidade apropriada” porque as:

soluções (arqui)tectônicas adequadas à uma modernidade peculiar, síntese de condicionantes gerais e locais: 1. porque eram apropriadas às particularidades da Amazônia; 2. porque eram legítimas expressões da modernidade arquitetônica e, finalmente, 3. porque eram uma resposta a problemas específicos (PAIVA; PAULA; MACIEL, 2016, p. 03).

Por uma arquitetura contemporânea apropriada: à guisa de conclusão

Atualmente, temos uma arquitetura contemporânea produzida nas metrópoles dos países centrais que busca construir um somatório de obras de prestígios, edifício icônicos e atributos urbanos de forma a modificar antigas áreas degradadas ou expandido o tecido urbano, em um processo crescente de comodificação da



arquitetura. Esse cenário tende a trazer maiores investimentos privados e consumidores, numa clara competição global de forma a produzir uma “arquitetura de grife” que “emprestam à cidade qualidades imagéticas. Estabelecem marcas no território e novas identidades [...]. Passa a ser um referente identitário, um capital simbólico” (VALENÇA, 2016, p.11).

Quando olhamos para a realidade latino-americana, essa produção aparece, muitas vezes, como elementos desconexos da realidade local, numa clara intenção de se tornar auto referencial, marco arquitetônico da paisagem, ou uma simples cópia daquilo produzido externamente. Por outro lado, essa maior liberdade criativa advinda da utilização das novas ferramentas computacionais, desenvolvimento de novas tecnologias que modificaram o processo de projeto e a exagerada quantidade de informações que são bombardeadas diariamente devem ser utilizadas para solucionar problemáticas locais básicas.

As duas obras analisados, importantes legados do patrimônio moderno, demonstram que é possível construir uma outra modernidade, diferente da imposta pelo processo civilizatório na América Latina, que em muitos momentos implicou em dependência cultural. O reconhecimento do valor destes edifícios se assenta no regionalismo nele presentes e o que verdadeiramente os tornam universais.

Com isso, deve-se buscar “uma arquitetura contemporânea brasileira que se coloca em continuidade e não como ruptura com a arquitetura moderna” (BASTOS, ZEIN, 2010, p. 204). Em síntese, necessita-se buscar a uma arquitetura contemporânea apropriada que respeite os condicionantes locais, suas limitações e potencialidades.

Agradecimentos

Ao CNPQ, que financia a bolsa de PIBIC da pesquisa “Turismo e Arquitetura Moderna: o hotel moderno no Brasil”

Referências Bibliográficas

BASTOS, Maria Alice Junqueira; ZEIN, Ruth Verde. Brasil. Arquiteturas após 1950. São Paulo, Perspectiva, 2010.

CANTALICE II, Aristóteles. Tradição e Tectônica na obra de Lúcio Costa. **Architecton - Revista de Arquitetura**, v. 04, p. 70-80, 2014.

CBA - Cadernos Brasileiros de Arquitetura. **Hotéis N° 19**. São Paulo: Revista Projetos Editores, 1987.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. Arquitetura moderna, estilo campestre. Hotel, Parque São Clemente. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 123.00, Vitruvius, ago. 2010 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/11.123/3513>>.

COSTA, Lucio. **Lucio Costa: Sobre arquitetura**. 1o Volume. Porto Alegre: Centro dos estudantes universitários de arquitetura, 1962. P. 43.



COX, Cristián Fernández. Hacia una modernidad apropiada: obstáculos y tareas internas. In: **Nueva arquitectura en América Latina: Presente y futuro**. México: Ediciones G. Gili, 1990, pp.71-93.

FERNÁNDEZ COX, C. Regionalismo crítico o modernidad apropiada? **Summa**, Buenos Aires, n. 248, p. 63-67, abr. 1988.

GUTIÉRREZ, RAMÓN. **ARQUITETURA LATINO-AMERICANA: TEXTOS PARA REFLEXÃO E POLÊMICA**. SÃO PAULO: NOBEL, 1989.

KESMAN, Cecilia; MOISSET, Inés. Cristián Fernández Cox (1935-2014). Un pensamiento propio sobre América Latina. **Drops**, São Paulo, año 14, n. 078.02, Vitruvius, mar. 2014 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/14.078/5096>>.

MASCARO, L. P. . Identidade e Modernidade na Produção Arquitetônica do Início do Século XX: Movimento Neocolonial e Regionalismo Crítico. In: **1o. Fórum Brasileiro de Patrimônio Cultural**, 2004, Belo Horizonte - MG. Anais do 1o. Fórum Brasileiro de Patrimônio Cultural, 2004.

PAIVA, Ricardo Alexandre; PAULA, P. V. ; MACIEL, V. . **Pousada na Ilha de Silves de Severiano Porto: Modernidade, lugar e tectônica**. In: 6° DOCOMOMO N/NE - Arquitetura.Tectônica. Lugar, 2016, Teresina. 6° DOCOMOMO N/NE - Arquitetura.Tectônica. Lugar, 2016

RABELO, Clevio Dheivas Nobre. **À imagem da tradição: uma reflexão acerca da arquitetura moderna brasileira**. 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2006.

SABBAG, Haifa. Severiano Porto e a arquitetura regional. **Arquitetura Crítica**, n. 12, set. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/ac/ac012/ac012.asp>>. Acesso em: 10 mar. 2004.

SEGAWA, H. As raízes de nossa cultura na belíssima obra de Severiano Mário Porto.In: **Projeto Design**, no. 49, p.36- 51, São Paulo, março 1983.

VALENÇA, Márcio Moraes. Arquitetura de grife na cidade contemporânea: tudo igual, mas diferente. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

ZEIN, Ruth Verde. Um arquiteto brasileiro: Severiano Mário Porto. **Projeto**, n. 83, p. 44-45, jan. 1986.